

O FUTURO DA PSICANÁLISE

Luiz Carlos Osório*

O presente trabalho propõe-se a traçar um perfil prospectivo da psicanálise, através do exame de quatro itens:

- a. O futuro da psicanálise como uma weltanschauung.
- b. O futuro da psicanálise como instituição.
- c. O futuro da psicanálise como método terapêutico.
- d. O futuro da psicanálise como teoria explicativa da mente.

Como elementos para balizar sua exposição, o autor emprega dois conceitos que se contrapõem: a perspectiva crítica e os fatores iatrogênicos.

... sempre procurei modificar minhas afirmativas de modo que pudessem estar em harmonia com meu conhecimento crescente.

S. Freud²

Embora reconhecendo que toda a esquematização da matéria em questão resultará num mero artefato expositivo, optamos por abordar o futuro da psicanálise:

- A. como uma weltanschauung;
- B. como instituição;
- C. como método terapêutico;
- D. como teoria explicativa da mente.

Como elementos retroalimentadores da discussão desses tópicos teremos sempre presente dois fatores, sobre os quais faremos rápida apresentação conceitual: a perspectiva crítica e a iatrogenia em psicanálise.

Refiro-me à perspectiva crítica como o marco referencial dentro do qual se dá necessariamente qualquer raciocínio que se arrogue a chancela de científico e, sem o qual, não teria se processado a gradativa substituição da magia pela lógica ao longo da evolução do pensamento humano.

A perspectiva crítica seria, pois, o instrumento cognitivo comum a todas as Ciências; essas se diferenciariam entre si tanto pelo objeto de seu estudo como pelo caráter peculiar da perspectiva crítica que cada uma passa a desenvolver (método).

Quanto à iatrogenia, ou seja, simplificada, a possibilidade de gerar patologia onde se pretende a cura, sua ocorrência é inversamente proporcional à presença da perspectiva crítica no processo psicanalítico. Qualquer relação no campo psicanalítico pode tornar-se iatrogênica na medida em que perca sustentação crítica. Assim, a psicanálise pode ser iatrogênica não só no âmbito restrito de sua prática clínica, como também no da convivência entre analistas no seio de suas instituições.

A. O futuro da psicanálise como uma weltanschauung

Weltanschauung é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra um lugar fixo.

S. Freud⁴

Apesar da afirmação de Freud de que a psicanálise é incapaz de criar uma weltanschauung por si só; que além do mais ela é parte da Ciência e como tal compartilharia da weltanschauung científica e que, mesmo falar-se de uma weltanschauung científica seria questionável, levando-se em conta que o pensamento científico é relativamente recente na história humana e ainda não conseguiu solucionar inúmeros problemas(**) apesar disso, dizíamos, nós, os psicanalistas, tendemos a fazer do saber psicanalítico uma weltanschauung que não só responde a todas as nossas indagações no campo das relações humanas, como passa a constituir-se num código ético ou vade mecum comportamental a nortear nossas vidas e, last but not least, preenche o vazio teleológico deixado pela renúncia ao pensamento místico-religioso.

O preço a pagar pela "weltanschauungzação" do pensamento analítico é o gradual empobrecimento da perspectiva crítica no exame das questões teóricas e a contaminação de nossa práxis clínica com a religiosidade da qual o homem parece não poder libertar-se completamente quando se trata de investigar as manifestações do espírito humano.

Tais observações nos conduzem ao inevitável confronto entre os pressupostos da Religião e da Ciência.

A Religião é o território da certeza dogmática; a Ciência, o da dúvida especulativa. A Religião rege-se pelos postulados da fé acrítica e sua práxis remete nos ao culto do sobrenatural; a Ciência estabelece suas leis a partir da observação crítica e a exerce nos domínios do natural. A Religião reverencia o passado de onde extrai sua força mítica; a Ciência projeta-se no futuro, onde o conhecimento novo de cada dia substitui o anterior e dá-lhe continuidade, consolidando, desta maneira, a autoridade do saber científico. A Religião estrutura sua volição segundo o pensamento mágico; a Ciência cimenta suas verdades com o pensamento lógico. A Religião é fundamentalmente evocativa; a Ciência, essencialmente prospectiva. A Religião é moralmente maniqueísta; a Ciência, eticamente neutra.

E a psicanálise que praticamos, é religiosa ou científica?

Quando a Psicanálise passa a reverenciar o passado, sacralizando o em verdades dogmáticas, está perigosamente desviando-se de suas coordenadas científicas. Ao dogmatizar-se o conhecimento adquirido cria-se a área de segurança mítica capaz de exorcizar o temor da realidade ainda por conhecer. Por isso, certos analistas reagem contra todo o conhecimento novo,

desqualificando o sob o rótulo de "modismos passageiros" ou, mais radicalmente, anatematizando-o como francamente "anti-analítico" ou "herético".

Há quem, a esta altura, pudesse objetar com a observação de que o deslumbramento com as novas idéias é tão nocivo e preenhe de religiosidade quanto o exagerado apego às antigas. Sou levado a concordar que a fácil adesão às novas teorias traz a débil consistência do vínculo estabelecido com as que a precederam: tais adesões, se feitas de modo acrítico e com as expectativas mágicas de quem aguarda a revelação messiânica de uma nova Terra Prometida pela psicanálise, acabarão por padecer da mesma doença infantil da religiosidade que afeta o pensamento conservador.

Não há como negar, contudo, a evidência de que as "verdades" da Ciência estão projetadas no futuro, enquanto os dogmas da religião ressoam do passado mítico que a sustenta. A disposição para abandonar a "certeza" de hoje pela "dúvida" de amanhã é a marca registrada do pensamento científico e em tudo e por tudo diferencia-se da reafirmação continuada da "certeza" de outrora como antídoto contra a "dúvida" de agora, que identifica o pensamento religioso.

O futuro da psicanálise como ciência pressupõe a aceitação de suas limitações para explicar o universo (mesmo que estejamos aqui considerando apenas o universo mental) e, ipso facto, a necessidade de não perder contato com o conhecimento paralelamente desenvolvido em outras disciplinas afins. Só a interdisciplinaridade permite a evolução global das Ciências. Todo o campo do saber que se isola pretextando autonomia está ineludivelmente padecendo da doença narcísica da mitificação religiosa do conhecimento que aportou e, com isso, distancia-se do referencial científico. As Ciências são por natureza interdependentes e, se evoluem segundo metodologias próprias, o fazem segundo uma única proposta ideológica: perseguir a verdade factual rejeitando qualquer estagnação domástica. Não há última palavra em Ciência: a palavra derradeira de uma frase é a que inaugura a frase seguinte no discurso científico.

A Psicanálise, enquanto membro da comunidade das Ciências Humanas, está comprometida com a weltanschauung científica. Isso não só referencia suas origens como seu destino. Qualquer outro posicionamento a coloca inevitavelmente sob a égide do pensamento mágico e da weltanschauung religiosa. Sua vitalidade como instituição no porvir necessariamente terá que estar alicerçada em sua renúncia ao modelo autocrático dos feudos religiosos e à busca incessante de aperfeiçoamento através do exercício da auto observação crítica e aquisição de insight sobre os processos repressivos que coartam seu desenvolvimento científico.

B. O futuro da psicanálise como instituição

Utilizando o próprio referencial psicanalítico para abordar a questão institucional, diríamos que as instituições têm um propósito manifesto e outro latente. No caso da psicanálise, o propósito manifesto é o de promover a divulgação da psicanálise, o intercâmbio entre seus praticantes e a formação de novos psicanalistas. No entanto, o propósito latente da instituição psicanalítica, como de qualquer outra instituição humana, é instrumentar o exercício do poder.

As instituições são antes, e acima de tudo, entes grupais. Desde suas mais remotas origens o homem agrupou-se não só para defender-se dos perigos naturais como para instrumentalizar seu domínio e poder sobre grupos rivais. Na medida em que os primitivos agrupamentos humanos se consolidaram, ou seja, se institucionalizaram, adquiriram autonomia ou identidade própria e se tornaram, eles mesmos, instrumentos de dominação e poder sobre seus componentes. Isso ocorreu com a família, unidade grupal nuclear da sociedade, e com todos os demais grupos surgidos ao longo do processo evolutivo social.

Assim, os grupos, de depositários dos desígnios humanos como eram em suas origens, tornaram-se, gradativamente, agentes modeladores dos desejos, pensamentos e Os agrupamentos humanos possuem certas características universais que identificam sua natureza intrínseca:

- 1) tendência à institucionalização, ou seja, a se estruturarem segundo leis supra-individuais que visam, sobretudo, a manutenção do ente grupal;
- 2) o progressivo afastamento dos objetivos originais do grupo à medida que ocorre seu processo institucionalizante;
- 3) a conquista ou manutenção de "estados de poder" e supremacia sobre grupos análogos (e/ou rivais).

A psicanálise, como instituição, não foge a estes determinantes grupais.

Não fora sabermos que, justamente por estarmos inseridos no processo, é distorcida nossa perspectiva crítica, seria estranhável que nós, psicanalistas, que o somos por uma suposta aptidão para investigar o conteúdo latente das condutas humanas (e para tanto somos treinados e habilitados por nossos "instintos de formação"), tenhamos habitualmente tão pouco insight sobre a conjuntura institucional de nossas sociedades psicanalíticas.

Freud³ já alertara para o que denominava a pobreza psicológica dos grupos, perigoso estado de coisas inerente às sociedades onde os vínculos são constituídos principalmente pelas identificações de seus membros uns com os outros. A perda da perspectiva crítica, catastrófico subproduto da condição iatrogênica vigente em nossas sociedades psicanalíticas, não é senão a evidência clínica dessa pobreza psicológica a que aludia Freud.

Quanto mais identificados estejamos uns com os outros num determinado grupo ou sociedade psicanalítica, não só maior será nossa pobreza psicológica como maior será nossa penúria científica. Esta organização sincrética em torno de um ideário psicanalítico dominante acaba por criar uma situação de autismo institucional, com o emprego maciço de mecanismos de defesa arcaicos, tais como os que identificam a posição esquizoparanóide. Ai, então, a "boa" psicanálise passa a ser a "professada" por nosso grupo e a "má" psicanálise fica projetada nos grupos êmulos. Como não há reconhecimento de nossas limitações e falhas em função do narcisismo coletivo "auto inflável", não atingimos o processo elaborativo da posição depressiva e, ao cristalizar tais mecanismos defensivos, consubstanciamos uma psicopatologia institucional bloqueadora do desenvolvimento societário.

Outras sociedades, por seu turno, evidenciam uma tendência maníaca a negar o sofrido périplo das vicissitudes evolutivas e jactam-se de estar redescobrendo a verdadeira psicanálise nas aras de um deslumbramento com cada nova idéia que reluz no firmamento teórico da psicanálise. E, igualmente, padecem de uma enfermidade institucional que mascara ou deforma a real potencialidade criativa de seus membros.

Não podemos tratar da psicanálise enquanto instituição sem fazermos menção a seu pilar básico de sustentação: a formação psicanalítica.

A formação psicanalítica é, inegavelmente, um rito de iniciação. E qual é a função de um rito de iniciação senão buscar a "homogeneização" do grupo social pela cooptação dos mais jovens para ajustá-los à escala de valores da geração precedente?

Instituições religiosas aspiram a unanimidade de pontos de vista entre seus pares e na consecução desse objetivo radicam sua sobrevivência; já as instituições científicas extraem sua vitalidade da diversidade de pensamentos e opiniões de seus membros. No tocante à formação dos candidatos, a instituição psicanalítica parece situar-se perigosamente mais próxima do perfil ideológico das primeiras do que das últimas.

A formação analítica, em lugar de ser, como se propõe, um eficaz e bem intencionado sistema de transmissão de conhecimentos, pode, em sua práxis, revelar-se um perigoso agente homogeneizador do pensamento, comprometendo sua função de ativar o fluxo criativo de hipóteses que busquem sua legitimidade na investigação isenta e não na filiação doutrinária. O pensamento científico que não é arejado pelo confronto das idéias e por reiterados questionamentos inevitavelmente fossiliza e coarta o desenvolvimento de qualquer disciplina.

A tutela de candidatos, por seu turno, é um mecanismo de infantilização institucional causador de iatrogenias no processo de formação profissional, porque compromete a perspectiva crítica que só se mantém ativada pelo constante estímulo inovador das mentes jovens ainda não impregnadas pelo ranço conservadorista dos que defendem o saber institucionalizado, antes por conveniência do que por convicção.

Mas não é só em relação ao conhecimento endogâmico que a instituição psicanalítica pode se iatrogenizar. Toda a instituição científica tem, ou deveria ter, como finalidade precípua, a disseminação dos conhecimentos que lhe são congruentes. Para que as instituições psicanalíticas aproximem-se desse objetivo de se tornarem verdadeiros centros irradiadores do pensamento psicanalítico teriam seus membros que se dedicarem menos ao exercício das várias formas de poder psicanalítico e mais, muito mais, à disseminação do saber psicanalítico, não só entre seus membros mas entre todos que desse saber quisessem compartilhar para ampliar sua visão de mundo. O complexo de torre de marfim leva, inevitavelmente, ao autismo institucional, onde ficamos curvados sobre nossas próprias entranhas, olhando deslumbrados para esse umbigo ideológico que portamos como se ele não fosse apenas a seqüela a identificar nossas origens, mas o centro irradiador de verdades universais.

A instituição psicanalítica, como a imagino no porvir, deve ser aberta a todas as correntes de opinião vigentes no âmbito psicanalítico. O que credencia determinada teoria psicanalítica é sua validação consensual pela aplicabilidade à compreensão dos fenômenos mentais, normais ou patológicos, assim como o que a invalida não é o simples fato de dissentir do pensamento oficial do momento. Heresias pertencem ao campo das doutrinas religiosas, não do pensamento científico, onde questionar é salutar e impulsiona ao progresso cognitivo.

Nesta instituição do futuro não haveria castas de membros: ou se é analista ou não se é, todos com direitos iguais perante as regras do convívio societário. Assim, não haveria duplas mensagens esquizofrenizantes, como as que incidem sobre a identidade profissional dos candidatos, que são psicanalistas para seus pacientes mas não o são diante de seus colegas de ofício. Outrossim, nela ninguém seria discriminado pela procedência: médico ou leigo, filiado a esta ou aquela escola psicanalítica, paciente deste ou daquele analista didata.

Já que mencionou-se a condição de didata: há que recordar-se que vocações para analisar, administrar e ensinar são distintas e não vejo porque atrelar-se as funções de ensino à experiência clínica ou a atribuições administrativas. Com todos os inconvenientes que possam existir, ainda acho que é útil dissociar-se a função de analisar da de ensinar psicanálise a candidatos. Assim, para a função de analisar aspirantes a analistas apenas exigir-se-ia larga experiência clínica, por óbvias razões, mas nenhum poder especial conferido por oligarquias reinantes e, nem tampouco, a função correlata de ministrar seminários para os quais se exigem dons pedagógicos em nada equiparáveis ao talento para analisar.

Atenta à função social de qualquer estrato profissional, esta instituição manteria uma clínica ou ambulatório psicanalítico, onde se triassem pacientes de renda insuficiente para serem atendidos em consultórios privados, mas mercedores, por suas condições de analisabilidade, de obter acesso ao método analítico. Com isso atender-se-ia também à escassez de demanda de casos para supervisão durante a formação analítica, uma realidade que mais cedo ou mais tarde se instala em todas as entidades psicanalíticas.

Esta sociedade, certamente já às raias do utópico, deveria estarem contínuo intercâmbio não só com as entidades congêneres, mas com todas as demais instituições de cunho científico, mormente as da área das ciências humanas. A comunidade onde ela se insere deveria beneficiar-se de sua existência através de um programa permanente de intercâmbio com os demais estratos culturais da mesma.

Enfim, esta sonhada sociedade seria um local de reuniões e troca de informações científicas onde não se desdenhasse do conhecimento (ou desconhecimento) alheio, onde não se vertessem para o campo dos confrontos pessoais questionamentos de índole teórico-técnica, e onde reinasse soberano o clima de máximo respeito à livre manifestação do pensar.

C. O futuro da psicanálise como método psicoterápico

É fato incontestável que a psicanálise nasceu dos esforços do médico Freud para ingressar na intimidade dos processos mentais de suas pacientes histéricas, compreender a etiopatogenia desses processos e daí extrair procedimentos de cura que possibilitassem o alívio permanente e não apenas temporário, como o obtido com as práticas hipnóticas dos padecimentos de tais pacientes. É igualmente indiscutível que ainda hoje a grande maioria dos pacientes que procuram os consultórios psicanalíticos o fazem na busca de alívio para seus sintomas neuróticos ou suas angústias existenciais.

Há toda uma preocupação contemporânea, sobretudo de parte dos chamados analistas "leigos", em "desmedicalizar" a psicanálise, escoimando-a de termos tais como "paciente", "tratamento" ou "cura". Creio que esta atitude quase fóbica em relação a considerar-se a psicanálise desde seu vértice médico original padece dos mesmos sestros preconceituosos com que os médicos antes zelavam para que a psicanálise não se laicizasse nas mãos de psicólogos ou outros profissionais de saúde mental.

A psicanálise, como método psicoterápico, é uma aplicação das descobertas de Freud ao tratamento dos distúrbios mentais e, como tal, não deixa de ser psicanálise aplicada, tomando-se esta expressão no seu lato sensu.

Freud, num de seus últimos artigos sobre técnica psicanalítica⁵, deixou nos entrever seu ceticismo final quanto ao alcance psicoterápico do método que criara. A eficácia psicoterápica da psicanálise depende de tantos condicionantes que, os que dela

podem se beneficiar, são sem dúvida uma minoria sem maior expressão estatística; suas limitações vão desde elementos de natureza psicopatológica, passando por determinantes intelectuais e afetivos, até incluir fatores de ordem sócio econômica.

M. Langer, num artigo onde discute o perfil do analisando do ano 20007, nos adverte que estes analisandos serão quase que exclusivamente profissionais da área de saúde mental que, tendo que utilizar seu psiquismo como ferramenta de trabalho, continuarão buscando a análise como exigência de qualificação para exercer seu ofício. Os neuróticos de outras categorias profissionais, já nesta quadra finissecular em que vivemos, onde os hábitos consumistas e o progresso tecnológico aceleram não só as necessidades como as soluções procuradas, estão tratando de buscar outras formas de terapia que sejam mais congruentes com a rapidez e ubiquidade dos tempos hodiernos. Esta realidade não pode ser ignorada por nós, psicanalistas, sob pena de nos colocarmos à margem do processo histórico.

A tendência à ação vem substituindo a inclinação para a reflexão nos "mores" do homem do séc. XX. O mundo de hoje é dos "executivos", não dos "pensadores". E aqueles que privilegiam a ação em lugar da reflexão não são, por óbvias razões, analisandos em potencial.

O vértice psicanalítico há de continuar a presidir a ação psicoterápica nas décadas futuras, mas cada vez mais através de sucedâneos ou variantes técnicas adaptáveis à velocidade processual dos tempos vigentes e que guardarão liames apenas perceptíveis com suas origens teóricas. Ai estão as psicoterapias breves, adjetivadas consoante esta inclinação para abreviar a duração dos tratamentos, e tantas outras modalidades psicoterápicas que, direta ou indiretamente derivadas da psicanálise, carregam o vezo de propor se a atender esta urgência temporal da contemporaneidade; isto para não falarmos nos progressos da psicofarmacologia, prometendo o controle de sintomas neuróticos que só longos percursos no divã psicanalítico possibilitariam.

Com isto estamos sugerindo que a psicanálise esgotou suas potencialidades como método psicoterápico e está à beira da superação ou até mesmo da extinção? Não, absolutamente não. Ao contrário, pensamos que ela está apenas entreabrindo o leque de suas possibilidades futuras como método psicoterápico, desde que não perca sua perspectiva (auto) crítica e sob sua égide revise seus parâmetros técnicos com o mesmo rigor epistemológico a que já vem processando a revisão de sua herança metapsicológica.

é bem verdade que aconteceram significativas mudanças nos conteúdos da técnica psicanalítica ao longo de sua evolução, que não se acompanharam, contudo, de correspondentes câmbios na sua forma ou moldura, ou seja, naquilo que universalmente conhecemos como setting. Este território ainda padece do vis a tergo das identificações com os atos litúrgicos religiosos e permanece como um noli me tangere de nossa práxis clínica.

Serão os dispositivos desta moldura técnica imelhorráveis em seus delineamentos básicos? Teremos atingido um estágio tal desses delineamentos que os podemos considerar como definitivos? Estarão esses pressupostos do setting investidos do caráter dogmático de artigos de fé cuja invariabilidade é conditio sine qua non para que se outorgue o status de psicanálise aos procedimentos clínicos? Bastará a chancela consensual de cunho doutrinário para legitimá-los ou terão que se submeter periodicamente ao escrutínio da avaliação científica para comprovarem sua validade?

Examinemos, apenas para justificar a procedência desses questionamentos, as coordenadas temporais do setting da chamada análise standard: frequência de quatro a cinco sessões semanais em dias diferentes, com 50 minutos de duração. é realmente esta a frequência e duração ideais das sessões? Que critérios sustenta sua validação? Apenas a tradição instituída por Freud? Isso basta para legitimar tal prática? Ou teríamos que submetê-la, como em qualquer procedimento de natureza científica, à prova da validade comparativa para institucionalizá-la como a mais adequada?

Sabemos que isso, no terreno de tantas subjetividades em que nos movemos, é de extrema dificuldade comprobatória. No entanto, é mister sujeitar esta, como de resto qualquer outra das normas instituídas pelo setting analítico, ao processo crítico inerente ao pensamento científico.

Os lacanianos, com a hipótese de que cada sessão teria o seu tempo lógico de duração, aparentemente haviam sintonizado com esta premissa. Digo aparentemente porque na prática, ao que parece, isto apenas tem funcionado como uma racionalização para o desejo dos analistas de reduzirem seu tempo de trabalho (sem a concomitante redução dos ganhos).

Quanto ao número de sessões por semana e sua periodicidade, é fato notório em nosso meio que, por injunções de ordem econômica, há uma crescente incidência de análises com três sessões semanais, bem como, por outras razões tais como contingências geográficas e a concentração dos analistas habilitados nos grandes centros, adotou-se sub lege libertas a prática de concentrar duas ou mais sessões num mesmo dia para viabilizar análises que, de outra forma, não teriam como se processar, prática aliás a que nem mesmo o próprio Freud foi infenso em semelhantes circunstâncias.

Obviamente seria preferível que tais experiências ocorressem não por mera conveniência das partes interessadas mas em decorrência de procedimentos experimentais de caráter sistemático regidos pelos cânones da pesquisa científica. Que tenham surgido como "violações" da técnica tida como padrão não significa, contudo, que não devam ser avaliadas isentamente no contexto de uma ciência experimental como é a psicanálise.

Emergindo da densa, e por vezes sufocante, atmosfera de polêmica em que se situam as considerações que acabamos de fazer, passemos ao terreno especulativo onde, quanto mais não seja, possamos arejar o espírito com algumas fantasias prospectivas.

A psicanálise terá que forçosamente incorporar a seu método, nas próximas décadas, certos recursos tecnológicos atuais e adventícios, a exemplo do que já fizeram outras modalidades psicoterápicas, tais como a terapia familiar de enfoque sistêmico, para ajustar-se à contemporaneidade. Assim, o uso da câmara de Gesell, do vídeo teipe, da computação de dados, e tantos outros recursos ensejados pela moderna tecnologia, nos possibilitariam enriquecer sobremaneira a auto e heteroavaliação de nossas posturas técnicas, confirmando ou refutando com o auxílio de registros confiáveis nossas percepções e inferências no decurso das sessões analíticas.

Vislumbro, num futuro não muito remoto, a supervisão analítica instrumentada e documentada por sessões vídeo teipadas; a quem alegar possa que com isso estaríamos violentando a intimidade da relação unívoca entre analisando e analista, basta argumentarmos que também desta censura é passível a atual técnica de supervisão dos candidatos em formação, com o agravante da transgressão ética que se comete ao não comunicar-se ao analisando que seu caso está sob supervisão de terceiros.

Ao lado dos possíveis inconvenientes iniciais que se poderiam imputar à "vídeoteipagem" das sessões a serem supervisionadas, como o aumento das resistências conscientes e o sacrifício da espontaneidade de ambas as partes envolvidas no processo, há indubitavelmente um benefício de efeitos multiplicadores, qual seja, desmitificar a figura idealizada do analista em seu ofício, ao permitir-lhe confrontar-se, de forma nunca antes experienciada, com suas limitações e equívocos e, acima de tudo, impedi-lo de, consciente ou inconscientemente, distorcer ou falsificar o conteúdo das sessões para ir ao encontro das expectativas que tem de si ou que julga de si ter seu supervisor.

Uma geração de analistas assim formada, sem receio de expor-se e tendo que revelar abertamente seu modo de analisar, sem os falsos pudores de quem narcisicamente vê-se tentado a esconder a natural e esperada inabilidade dos aprendizes, traria ainda como desejável consequência o surgimento de analistas didatas e supervisores "vacinados" contra a detestável prática do "faça o que eu digo, mas não o que eu faço" e, igualmente, libertos do temor de revelar suas limitações e cotejar a bagagem de sua alegada experiência com o talento dos mais jovens.

Não se faz necessário nenhum dom antecipatório para prever que, em alguns lustros mais, a técnica psicanalítica como a que praticamos atualmente será considerada pelos que nos sucederem algo tão folclórico quanto hoje consideramos as análises praticadas no alvorecer do método.

Em síntese, a psicanálise como método psicoterápico sofrerá tantas e tais mudanças no porvir que certamente estará tão distante da forma como hoje a empregamos como esta o está da feição pouco mais que catártica e sugestiva da psicanálise praticada por Freud e seus primeiros discípulos.

Há uma última questão a que queremos aludir antes de encerrar esta breve reflexão sobre o futuro da psicanálise como método psicoterápico. Trata-se da indagação prospectiva sobre a que objetivos psicoterápicos estará voltada a psicanálise nos próximos anos.

Tudo indica que o papel do psicanalista na era cibernética que se avizinha é o de salvaguardar o direito à emoção, preservar o significado afetivo da existência individual e, sobretudo, resgatar os conteúdos humanísticos sem os quais o progresso tecnológico nos levará à extinção e não à redenção da espécie.

O tédio e a frustração resultantes da saturação da mente pelos insumos tecnológicos, bem como a ausência do sentido ético deste moto perpétuo à procura da realização onipotente do ideal narcísico de auto superação, estarão provavelmente nas raízes da dor psíquica que levará o Homem do milênio que ora se aproxima a procurar os consultórios psicanalíticos.

Com a gradativa superação dos padecimentos oriundos das enfermidades orgânicas de etiologia conhecida e, conseqüentemente, de cura possível, e o crescente controle dos sintomas da esfera psíquica por meios químicos, caberá à psicanálise promover o bem estar anímico através da busca de autoconhecimento referenciada pela noção do inconsciente e tendo como objetivo imanente a redefinição da identidade pessoal e a aquisição de insight sobre a transcendência afetiva do ser humano a cada giro da espiral evolutiva da espécie.

D. A psicanálise como teoria explicativa da mente

Não obstante ter sido a aplicabilidade da teoria psicanalítica à abordagem psicoterápica dos distúrbios mentais o fulcro de seu reconhecimento inicial, é em sua contribuição à compreensão do funcionamento dos processos mentais e sua conseqüente inserção na concepção holística do ser humano que reside a transcendência da descoberta de Freud.

A psicanálise é, sobretudo, uma teoria explicativa da mente e isto referencia seu estatuto científico. Com tal afirmação não estamos desqualificando sua dimensão clínica, mas tão somente reconhecendo mais do que isto, enfatizando que não é em sua ação psicoterápica que reside a essência criativa da psicanálise, aquela que, transcendendo o propósito assistencial de suas origens, fez da descoberta de Freud um marco definitivo no campo do saber humano.

Já não é possível prescindir do enfoque psicanalítico ao se tentar compreender a trajetória do Homem no limiar do terceiro milênio, as vicissitudes que assinalaram seu processo evolutivo até agora e as aspirações que balizarão seu desenvolvimento futuro. Não há área no campo das ciências humanas que não busque, hoje, o jogo dialético com a psicanálise na tarefa interdisciplinar de situar o ser humano no âmbito de suas motivações, seus pendores artísticos, suas tendências sociais, sua relação com a natureza, seus equívocos ou acertos, retrocessos ou avanços, ao longo do processo civilizatório.

Deixamos de considerar aqui, embora a tenhamos em conta, a discussão contemporânea sobre ser ou não a psicanálise uma ciência explicativa (e, portanto, no âmbito das ciências naturais) ou compreensiva (e, conseqüentemente, situada entre as ciências humanistas e/ou filosóficas). Não há dúvida sobre a vocação hermenêutica da psicanálise, mas igualmente não se pode deixar de considerar que suas origens a inscrevem no modelo de causalidade linear que então normatizava as ciências naturais. Mais do que isto, esta inserção original balizou sua evolução ulterior, quer na teoria como na prática clínica.

Por outro lado, como Habermas⁶ o registrou, a psicanálise tem uma posição *sui generis* como disciplina científica, pois é o único exemplo disponível de uma ciência que reivindica metodicamente o exercício auto reflexivo.

Quando discutíamos a questão da *weltanschauung* afirmamos que a psicanálise não deveria ultrapassar as fronteiras de seu universo heurístico, qual seja, propor-se como uma teoria explicativa da mente, cuja pedra angular a descoberta das motivações inconscientes das ações humanas é não só seu ponto de partida como o vértice sobre o qual se apóiam todas as especulações ulteriores que demarcam seu raio de ação epistemológica.

Parodiando a imagem de Freud ao introduzir nos a noção de inconsciente, diríamos que como teoria explicativa da mente o futuro ainda está por revelar nos a maior parte deste iceberg cuja natureza intrínseca nós, os psicanalistas, apenas roçamos, embora sobre ele nos arroguemos o direito de posse.

Assim como o mundo físico para ser compreendido em sua totalidade precisa o aporte de várias ciências que se complementam, da física à química, da paleontologia à biologia, a psicanálise não pode prescindir do concurso de áreas afins para abrange a complexidade dos processos mentais. A neurofisiologia, a biologia e a cibernética entre outras disciplinas, estão vasculhando a intimidade desses processos simultaneamente com a psicanálise, conquanto partindo de distintos vértices de observação e compreensão.

Esta relativização do conhecimento psicanalítico vincula-se à necessidade de mantermos a perspectiva crítica a que nos referíamos na introdução deste ensaio e nos parece ser de extrema valia para não escorregarmos na iatrogenização narcísica

de nossa práxis, arrogando nos um saber de que não dispomos e um poder a que não devemos aspirar.

Assim como a física deu um salto quântico como teoria explicativa da matéria com Einstein, a psicologia o fez com Freud como teoria explicativa dos processos mentais mas outras tantas mudanças de paradigma nos esperam no devir da trajetória do conhecimento humano. Como lembra H. Arendt¹, a teoria científica moderna depende, para sua validade, não mais do que revela e sim do fato de funcionar.

Exige se hoje da teoria psicanalítica contemporânea não mais que faça revelações (como a descoberta do inconsciente, da sexualidade infantil ou da universalidade de Édipo) mas que funcione como um confiável elo epistemológico capaz de permitir sua articulação interdisciplinar com outras áreas do conhecimento humano.

A crise atual da teoria psicanalítica estaria para Thomã e Kächele⁸ na confusão entre biologia e psicologia, que surge do monismo materialista de Freud, fundado sobre um isomorfismo do psíquico e corporal. Existe, contudo, outra área crítica a considera a que se situa nas fronteiras do intrapsíquico com o interacional. Aí reside um ponto de estrangulamento da teoria psicanalítica, pois o enfoque linear, unidirecional, tipo causa efeito, oriundo das ciências naturais, mostra se insuficiente para o entendimento do caráter circular das relações interpessoais e, conseqüentemente, limita investigação e compreensão dos fenômenos transferenciais e contratransferencial para o que é preciso ir além do que o modelo determinista que referencia a psicanálise permite.

Tais ressalvas às limitações que a psicanálise comparte com as demais disciplinas científicas para abarcar a totalidade do conhecimento que busca não empalidecem, contudo, sua inestimável contribuição ao mapeamento do universo mental. Assim como para a prospecção do Espaço Exterior as ciências físicas precisaram ultrapassar a barreira gravitacional, a psicanálise, esboçada a partir da noção das motivações inconscientes do comportamento humano, criou condições para a superação dessa força gravitacional a repressão que nos impedia de alcançar o Espaço Interior. Pode se ambicionar mais para o futuro da psicanálise do que continuar pesquisando como ampliar este acesso à intimidade de nossas mentes?

Summary

The paper aims to trace a prospective profile of the psychoanalysis through the examination of the following four items:

- a. The future of the psychoanalysis as a weltanschauung
- b. The future of the psychoanalysis as an institution
- c. The future of the psychoanalysis as a therapeutic method
- d. The future of the psychoanalysis as an explanatory theory of the mind.

As guidelines to border his exposition the author uses two concepts in opposition: the critical perspective and the iatrogenic factors.

Referências

1. ARENDT, H. (1954). Entre o passado e o futuro. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978, p. 68.
2. FREUD, S. (1900). prefácio à 20 edição de A interpretação dos sonhos. S.E.B., vol. IV, Rio de Janeiro: Imago, 1972.
3. (1930). O mal estar na civilização. S.E.B., vol. XXI: p. 138, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
4. (1933). A questão de uma Weltanschauung. Conf. XXXV, S.E.B., vol. XXII: p. 193, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
5. (1937). Análise terminável e interminável. S.E.B., vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
6. HABERMAS H. (1981). Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 258.
7. LANGER, M. (1968). "El Analizando dei ano 2000". In Rev. de Psicoan., pp. 617 640.
8. THOMã, H. & KãCHELE, H. (1985). Teoria y Prática dei Psicoanálisis. Barcelona: Ed. Herder, 1989, p. 31.

Luiz Carlos Osório

Rua Eça de Queiróz, 505
90670-020 Porto Alegre - RS

© Revista de Psicanálise - SPPA

* Membro Efetivo da SPPA.

** Talvez a preocupação com a hipótese de a psicanálise vir a tomar se uma weltanschauung decorresse da própria inclinação que Freud sentia para o pensamento filosófico, sabendo ele, outrossim, dos riscos dessa atração pela "metafísica" (analogamente a qual fundamentou sua "metapsicologia") para o rastreamento científico da psicanálise.